

ESCRITAS AUDIOVISUAIS, CURRÍCULOS E EDUCAÇÃO – APONTAMENTOS SOBRE JUVENTUDES, SEXUALIDADES, CORPOS PADRONIZADOS, MÍDIAS HEGEMÔNICAS E ACONTECIMENTOS AUDIOVISUAIS OU DA SOBREVIVÊNCIA DE ALGUNS VAGA-LUMES

VANESSA MAIA BARBOSA DE PAIVA*

RESUMO

Buscamos, com este artigo, narrar experiências de jovens alunos na produção audiovisual de documentários que discutem temas pertinentes ao mundo habitado por nós, mas excluído da mídia hegemônica. Corpos padronizados em modelos estereotipados, juventudes, sexualidades, dentre outros assuntos, foram as temáticas escolhidas para a produção destes documentários, aqui entendidos como artefatos culturais. Entendemos que esta experiência audiovisual e este sentido de mundo está enredada nos currículos em rede e que podem, de muitas maneiras, produzir uma linha potente para trabalharmos os currículos a partir de suas interfaces com as sexualidades, os modelos de corpos padronizados e juventudes.

Palavras-chave: Documentários – Currículos em Rede- Sexualidades, Juventudes

ABSTRACT

With this article we intend to narrate young students experiences with the audio-visual production of documentaries that discuss themes related to the world we live in, but excluded by the hegemonic media. Bodies standardized in stereotypical models, youth, sexualities, among other subjects were the chosen themes to the documentaries' production, here taken as cultural artifact. We understand that this audio-visual experience and this world sense are meshed on the net curriculums and that they can, in many ways, produce a powerful line for us to work on the curriculums from their interfaces with the sexualities, the standardized body models and youth.

Keywords: Documentaries - Net Curriculums - Sexualities – Youth

* Professora e pesquisadora da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ/MG). Doutora em Educação (UFES), Mestre em Comunicação (UFF/RJ) e Jornalista (UFES). Estuda produção de audiovisuais que rompem a homogeneidade temática das máquinas midiáticas.

“Minha música não quer ser bela./ Não quer ser má./ Minha música não quer nascer pronta” (Adriana Calcanhoto)¹

“Existe uma proposta oficial de que o currículo vai entrar de forma pura dentro da escola, para ser executado, porque lá existem, por exemplo, os livros didáticos, e os livros didáticos encaram esses currículos e propõem soluções para esses currículos de modo diferente. Muitos professores e muitos alunos veem televisão cotidianamente, muito, então vão trazer respostas e propostas que não estão nem naquele currículo oficial, nem nos livros didáticos, estão em outro lugar, como a televisão, por exemplo. Essas múltiplas redes dentre as quais nós vivemos, elas vão trazendo contribuições positivas e negativas e aí são variadas as possibilidades de encarar essa relação currículo e cotidiano, que é extremamente complexa e que tem que ser analisada complexamente.” (Nilda Alves)²

Acreditamos, com esta escrita, que toda atividade dos educadores busque um sentido. Não falamos de um sentido dado, fixo, absoluto. Mas de um sentido como algo variável de sentimento, um sentido de direção, um sentido que nos toque, que nos escreva, que nos traduza, nem que seja por meio de curtos documentários, capazes de escrever em imagens em movimento as nossas angústias, as nossas vidas, nossas dores e, por que não, aquilo que, para nós, faz sentido. Sendo assim, neste texto, buscaremos narrar algumas experiências na produção de documentários e contar como estas experiências conferiram sentido aos seus realizadores (alunos) e ao mundo que estes alunos frequentam. Entendemos que esta experiência audiovisual e este sentido de mundo estão enredados nos currículos em rede e que podem, de muitas maneiras, servir de artefatos culturais para trabalharmos os currículos a partir de suas interfaces com as sexualidades, os modelos de corpos padronizados e as juventudes. As ideias deste texto foram geradas a partir de desânimos e provocações causados pelo atual conteúdo apresentado nas mídias hegemônicas e, ao

¹ Esta citação, bem como as demais, da cantora e compositora Adriana Calcanhoto, são da faixa Minha Música, última faixa do disco Fábrica do Poema, Sony Music, 1994.

² Currículo Conhecimento e Cultura. In: www.tvescola.mec.gov.br. Capturado em 10/02/2016

mesmo tempo, a partir da necessidade de trabalhar conteúdos audiovisuais de mídia com jovens alunos de um Curso de Comunicação³.

Assim, este texto pretende ser uma breve apresentação de trabalhos e propostas de documentários que trouxeram, em seus conteúdos, para além de roteiros e temáticas, angústias contemporâneas de uma juventude que se debruça sobre questões, tais como: padrões de beleza, sexualidades, cor da pele, estilos de vida, dentre outros temas⁴.

Neste artigo, apresentaremos a descrição de três documentários⁵ que se constituíram como um acontecimento na vida de jovens que cresceram e se formaram tendo como agenciamento importante de enunciação a grande mídia ou anteriormente o que chamávamos de mídia de massa, especificamente, a tevê aberta. Estamos entendendo o acontecimento aqui mencionado como algo que instala uma fissura, uma rachadura capaz de promover uma mutação que conduz “a uma nova distribuição entre o bom e o mau, o deleitável e o insuportável”⁶.

Acreditamos que olhar esta produção documental destes jovens pode nos ajudar a entender quais são as linhas de fuga que estão sendo utilizadas por estes alunos-produtores para driblar o engessamento das temáticas na produção de audiovisual que tem visibilidade, essencialmente, na televisão aberta. Compreendemos, também, que estes artefatos culturais, nomeados aqui como documentários, podem servir de potência para pensarmos questões de nossos currículos como diferenças, sexualidades, padrões, dentre outras temáticas.

Uma des(habitação) do mundo – uma corrente de pensadores, sobretudo os latino-americanos Jesús Martín-Barbero (1997), Nestor García Canclini (1990) e Omar Rincón (2006, 2011) compartilham de uma análise lúcida sobre a produção audiovisual contemporânea,

³ Professora das disciplinas de Documentário para TV; Teorias do Telejornalismo e Oficina de Telejornalismo do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ/MG

⁴ A produção audiovisual que procura romper com a hegemonia temática das máquinas midiáticas já é tema da terceira pesquisa que aprovamos em iniciação científica com o apoio do CNPq; Fapemig e UFSJ.

⁵ Documentários: *Beleza além da estampa*; *(Trans)Fobias* e Série documental *Poética dos Encontros*. Os dois primeiros foram realizados sob minha orientação como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e a Série documental foi alvo de pesquisa em iniciação científica, na qual uma das produtoras foi bolsista CNPq.

⁶ ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível: sobre o involuntarismo na política. In: ALLIEZ, Eric (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. Tradução Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo. Ed. 34, 2000, p. 348.

ênfatisando um cenário desalentador das produções exibidas pela televisão. De acordo com estes autores, há um descontentamento com os relatos, gostos, políticas, conteúdos e estéticas proporcionados pela produção audiovisual televisiva.

Esta produção, hoje, segundo os autores acima mencionados, serve ao entretenimento, repleta de reality shows e cenas constrangedoras. Na avaliação destes teóricos, a televisão nos aborrece. E a consequência desse aborrecimento é a fuga das pessoas para os canais a cabo, para a internet, para o Facebook, o Youtube, o Twitter e o celular. Com esta fuga e a demanda por consumo de conteúdos e informações, estão criadas as condições para o surgimento de produtos audiovisuais que expressem angústias contemporâneas dos jovens, que possam ser apresentadas e compartilhadas como questões, pela internet.

Fugimos da tevê aberta, segundo Canclini (1990), Barbero (1997) e Rincón (2006, 2011), porque os canais abertos nos oferecem produções de entretenimento débil e uma estrutura de informação frágil, que anda à reboque das declarações oficiais quando estas são convenientes para embasar opiniões dos veículos. A justificativa para esse tipo de conteúdo audiovisual sempre se baseia na premissa de que a tevê aberta está a serviço dos índices de audiência, como se esta não estivesse pronta e desejosa para consumir conteúdos ficcionais e informativos de qualidade.

Assim sendo, a televisão aberta, atualmente, encontra-se com problemas de narrar as diferenças culturais de um país. Esta tevê aberta que temos não produz conteúdos. Antes, faz negócios. Anunciantes determinam atores da ficção, governos e partidos dão o tom dos noticiários. Montadoras de carros e motocicletas nos fazem ver na tela pessoas comendo insetos, deitando em camas de ratos, mergulhando em piscinas com baratas.

O conteúdo de produções audiovisuais da tevê aberta tem nos desapossado do mundo. Como seria possível então, para alunos que estão sendo formados para trabalhar com o audiovisual, a construção de possíveis que os retirem da clausura que está colocada diante dos conteúdos televisivos?

Como seria possível expandir a vida a partir do desejo do estudo, da produção, do trabalho e de outros modos de sensibilidade estética? Como não ser capturado por formas padronizadas e gastas de se produzir audiovisual?

São muitas as questões que nos inquietam, mas é fato, também, que um novo audiovisual, múltiplo, dotado de experiências narrativas diferentes, de novas maneiras de contar e de mostrar está

surgindo. E esse nascimento deu-se com a chegada da internet 2.0, que mudou o esquema de comunicação que antes era de um para todos e agora passa a ser de todos para todos (JENKINS, 2009).

BELEZA ALÉM DA ESTAMPA

“Minha música quer estar./ Além dos gosto./ Não quer ter rosto./ Não quer ser cultura...(Idem)”.

O documentário *Beleza além da Estampa* tem 12 minutos. Questiona o “modelo” de mulher bonita ao apresentar uma proposta híbrida de ensaio fotográfico e documentário. Nele, quatro estudantes universitárias se desnudam para as lentes das alunas/produtoras. Utilizamos a palavra “desnudar” propositalmente, pois, embora tenham posado para o ensaio de calcinha e sutiã, as fotografadas também falam de suas características físicas e demonstram, com muita rigidez, críticas ao próprio corpo, ao cabelo, tamanho de órgãos, etc.

Depois da primeira abordagem sobre a aparência do próprio corpo com as alunas/personagens, algumas fotos, posteriormente, foram mostradas às outras participantes do documentário. Com este método, as alunas produtoras quiseram que as estudantes personagens do documentário avaliassem o próprio corpo e o corpo das outras meninas que também estavam envolvidas no documentário, embora elas não tivessem contato entre si no momento em que esta dinâmica acontecia.

Como resultado, que foi gravado e consta da montagem do documentário, em geral as estudantes eram muito mais generosas com os atributos físicos das outras meninas (cujas fotografias tinham em mãos) do que com suas autodescrições.

Este audiovisual trouxe, para além das questões óbvias de padrões de beleza na atual sociedade, aceitação e estima, o engessamento que os modelos e padrões de beleza produzem nas mulheres. Ou seja, a questão de fundo do documentário *Beleza além da Estampa* é que modelos não fazem pensar, só aderir. E assim, vamos fazendo de nossa vida uma vida aprisionada.

É neste sentido que a vida se torna enclausurada. A expansão da vida, a potência de diferenciação, que nos permite criar outras formas de existência, é capturada por formas padronizadas de se estar na vida. (...) De um jeito ou de outro o que está em funcionamento são modelos. E o que acontece é que modelos não

criam, não inventam outras soluções. Os modelos não nos fazem pensar, e, sim, aderir. (DOMINGUES, Leila: 2010:26)

No processo de produção do documentário, as alunas realizadoras do audiovisual narram o estranhamento que tiveram entre a fala e a conduta das estudantes apresentadas no filme. “Percebemos que as entrevistadas acreditam que não são influenciadas pelo mito da beleza e o recusam como ideal, mas inconscientemente se revelam seguindo o padrão, o modelo de beleza imposto” (Santos e Velloso. 2014:06). O documentário mostra que as meninas não “tomaram posse” de sua beleza. Precisam ser legitimadas por outras meninas para que consigam se enxergar.

O que o documentário nos faz notar e pensar é que há, na atualidade, um desinvestimento de contemplação da diferença. Daí os modelos impostos de padrões de beleza, de conduta, de aparências e de sexualidades. E a nossa hipótese nas pesquisas em andamento é que a televisão aberta tem sido a grande agenciadora dessa enunciação, que não contempla o que difere. Daí a aposta em projetos documentais que tenham como base as inquietações não presentes ou silenciadas na/pela mídia de massa.

Quando realizamos estes projetos, habitamos outras telas, ou melhor, as infinitas teletelas que se multiplicam com a emissão de todos para todos em plataformas como Youtube e Vimeo e nos transformamos em *prosumers*⁷, ou seja, aqueles que são, ao mesmo tempo, consumidores e produtores de conteúdo.

Quando produzimos este tipo de audiovisual, um audiovisual que coloca em cena questões e temas que precisam ser debatidos, saímos do silenciamento, do torpor, do estado de vitimização, e passamos a tomar, disputando espaço nas telas e a atenção do público, posses de mundos. E é preciso “tomar posse do mundo, ou melhor, de inventar mundos. O que implica em avaliações e escolhas ético-estético-políticas pela potência e não pelo poder. A invenção de mundos é o caminho que nos leva a fugir do império do intolerável” (DOMINGUES, 2010:27).

⁷ Conceito formulado por Henry Jenkins no livro *A Cultura da Convergência*, Aleph, 2009.

(TRANS)FOBIAS

“Minha música quer ser./ De categoria nenhuma./ Minha música quer./ Só ser música./ Minha música./ Não quer pouco.../

A invisibilidade, o anonimato, a vergonha. O documentário (Trans)fobias, como diz o verso da música de Calcanhoto, “*não quer pouco*”. Com 12 minutos de duração e sete entrevistados, mostra a luta das pessoas transgêneros para conseguir viver em sociedade. Questão que deveria ser simples, mas que já não é para grande parte da população, como o direito ao atendimento médico, por exemplo, se complica ainda mais quando as pessoas são transgêneros.

O filme mostra a recusa da sociedade em adotar o nome social escolhido pela pessoa, a luta para conseguir o emprego, a invisibilidade imposta pela família. Enfim, as frequentes situações de transfobias praticadas por uma sociedade que não reconhece nas pessoas trans sujeitos de direitos, não só de deveres.

O filme, segundo seu autor, “busca colocar em funcionamento a visibilidade destes grupos minoritários, inferiorizados e estigmatizados; lutando por representatividade, legitimidade, empoderamento, inclusão e reconhecimento social.” (TEIXEIRA, Yan. 2014:02). O documentário (Trans)fobias apresenta nos relatos situações de exclusão e negação. Mostra, a partir da fala dos entrevistados, como seus corpos são transformados pelo discurso social da normatização, em uma abjeção. (GIVIGI, Ana. 2014: s/p. Mimeo).

1) – *“Minha mãe pediu para que eu saísse de casa ou ficasse no quarto quando a visita chegasse”*

2) – *“Eu tinha conseguido o trabalho, mas quando ela mandou eu trazer meu certificado de reservista e eu disse que não tinha porque tinha nascido mulher, perdi o emprego”;*

A temática dos gêneros está longe de ser um assunto de tevê aberta. Quando abordados, tais assuntos são citados de maneira capturada. Seja pelo binarismo hétero-homo; seja pelo viés *gays devem ter dinheiro*. Exemplos rasos não nos faltam: Félix, o filho rico de um grande empresário de saúde; Teresa, a advogada renomada e Estela, a galerista elegante. Os dois exemplos foram retirados de novelas do horário nobre da Rede Globo de Televisão.

Não trabalhamos com a noção de documentário como retrato do real. Antes, embasamo-nos nos estudos de Nichols (2005), que nos diz que “os documentários dão-nos a capacidade de ver

questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos ‘visões’ de mundo.” (NICHOLS, Bill. 2005: 27). Trabalhamos, portanto, com a noção de documentário-máquina, inspirada por Deleuze⁸. Afirmamos que o documentário mobiliza indiferenças, colocando em funcionamento noções diferenciadas de ser e de estar no mundo com outras noções contrastantes.

Afinal, segundo proposta do próprio Deleuze, “nada é neutro, nem passivo” (2008: 313). Tendo em conta essa premissa, o autor do documentário (Trans)fobias afirmou que também foi um de seus objetivos demonstrar as situações constrangedoras – e por que não dizer adoecedoras – que os sujeitos transgêneros enfrentam cotidianamente.” (TEIXEIRA, Yan. 2014: 01).

Assim como Calcanhoto, a ‘música’ de Yan não quer pouco, embora queira o mínimo.

Série documental Poéticas dos Encontros

“Minha música não quer./ Me pertencer./ Não quer ser sucesso./ Não quer ser reflexo./ Não quer revelar nada.”(Idem)

A série de documentários intitulada *Poéticas dos Encontros* é composta por sete documentários que variam de 3 (três) a 8 (oito) minutos. Foi realizada pelo *Coletivo Audiovisual Sem Eira-Nem Beira*, criado em maio de 2012, por alunos do curso de Comunicação Social – Jornalismo de São João del-Rei. Traz, em sua premissa, a ideia de inteligência coletiva de Pierre Levy, que seria uma inteligência que mobiliza diversas competências e tem como base o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas (LÉVY, Pierre. 2007: 28-29).

O Coletivo *Sem Eira Nem Beira* trabalha no investimento, na potencialização de uma cultura local comum. Em uma cidade história e profundamente católica, são constantes na mídia local artistas restauradores, integrantes das ordens religiosas, autoridades, pessoas ligadas à Igreja e, na maioria das vezes, também ligadas à política. Mas as pessoas comuns? Onde estão as pessoas comuns? Dessa gente, o coletivo quis fazer sua poesia. Ou melhor, seu audiovisual.

Incentivados pela vontade de contrapor as próprias produções à das máquinas midiáticas, trabalharam com a valorização de

⁸ DELEUZE, Gilles. O frio e o quente in *A Ilha Deserta*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. Iluminuras, São Paulo, 2008. Páginas 313-318.

histórias e gentes que antes estavam silenciadas. Com estes objetivos, em 2013, o grupo se inscreveu no projeto *Paralaxe Lab*⁹ e conseguiu emplacar a série documental Poética dos Encontros.

A aposta temática da série é a potência que acontece em cada encontro. Sem agendamento prévio, membros do Coletivo foram às ruas em busca de personagens. Os documentários apresentam a visão dos personagens “anônimos” de São João del-Rei. Com estéticas, edições e concepções diversas, a série documental dialoga entre si, na medida em que constitui um mapa afetivo e humano da cidade.

Estas vidas anônimas, consideradas sem valor, que, segundo Foucault, “estavam destinadas a passar ao lado de todo o discurso e a desaparecer sem nunca terem sido ditas” (FOUCAULT, 1992), são o foco dos documentários sem que, para isso, precisem ser adjetivadas, legitimadas ou autorizadas por qualquer instância cultural ou de capital simbólico da cidade.

Eles estão lá porque são da cidade e narram a cidade no momento em que narram suas histórias. Ou seja, é mais uma proposta de rompimento com a homogeneidade temática das máquinas midiáticas que só colocam em cena, personagens famosos por seus feitos ou celebridades atribuídas por outrem. Este é o caso, por exemplo, do quadro do Fantástico, *O que vi da vida*, levado ao ar em 2012.

Ao contrário da escolha de *O que vi da vida*, o “Poética dos Encontros” valoriza as histórias de pessoas comuns como, por exemplo, “Antônio” que conta que saiu de sua cidade natal, passou por dificuldades para conseguir trabalho, e, hoje, vive como um lavrador no interior de Minas Gerais.

Entre os vídeos produzidos, escolhemos 4 (quatro) para citar. São eles: “Romilda”, “Função”, “Antônio” e “Tiririca”. Os vídeos desses personagens foram escolhidos por serem vidas singulares, não sei por que acasos tornadas estranhos poemas” (FOUCAULT 1992).

A simplicidade do relato de Antônio, por exemplo, é o que o torna emocionante. O personagem perdeu um braço ao longo da vida, e cita isso na entrevista de forma espontânea, dizendo que uma santa o ajudou com esse “problema de morrer”. Não há, no vídeo, a

⁹ O *Paralaxe Lab* é um projeto de audiovisual voltado para o público jovem mineira, pautado pela produção de conteúdo audiovisual, promoção de ações em rede e formação de jovens talentos. É patrocinado pelo Programa Vivo arte. mov, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais. Aprovado, juntamente com mais nove outros coletivos culturais mineiros, o Coletivo Sem Eira nem Beira propôs o tema: Poética dos Encontros.

explicação de como ele perdeu o braço, já que ele não quis citar, não quer que tenham pena, o interesse dele (e do Coletivo) não é comover. O relato de Romilda toca na questão de interesse público quando fala sobre a dificuldade de se encontrar emprego no interior, o que a levou a se tornar moto-taxista. Além de contar do acidente de trabalho que é algo comum aos moto-boys de todo o Brasil.

Outra característica marcante dos vídeos do “Poéticas” é que seguem a dinâmica do personagem. Em “Fungão”, o vídeo tem o ritmo do bar em um dia comum, e o andamento da fala de Fungão dá cadência ao vídeo. “Fungão” fala sobre os alunos que vieram em um encontro de estudantes e fizeram um grande cigarro de maconha, cada um colocou um pouquinho, e todo mundo fumou. O contexto em que ele diz não faz apologia nem critica a comportamento, só representa o relato de um dia divertido em seu bar.

Romilda: é uma moto-taxista sanjoanense. Entre suas histórias, conta que em um acidente de trabalho já teve o pescoço cortado por uma linha com cerol, que já morou na Amazônia e teve sua casa incendiada. O vídeo tem aspecto social levantando a dificuldade do trabalhador brasileiro, que, apesar dos pesares, ainda vê a vida com bom humor.

Fungão: dono de um bar há 25 anos, Fungão é um personagem marcante de São João de Rei. Em um depoimento sincero, o dono de um estabelecimento tipo “copo sujo” conta sobre sua religiosidade, misturando catolicismo com as influências candomblé. Conta, ainda, sobre momentos marcantes do bar, mostrando a simplicidade de seu dia-a-dia, em situações inusitadas e divertidas.

Antônio: é um personagem regido pela poética da simplicidade. Morador e admirador de São João del Rei há muitos anos, ele quase se esquece onde começou sua história, no interior de Mato Grosso. Com a vontade de “andar um trecho”, ele resolve trabalhar na rede ferroviária e termina como lavrador em Minas Gerais. Ele traz o resgate do homem do interior, que se sustenta de sua própria lavoura e diz que deve sua própria vida a um milagre de uma santa. Em depoimento emocionante, ele demonstra não resgatar suas memórias com frequência, a ponto de quase perdê-las.

Tiririca: Dono da loja de antiguidades “Túnel do Tempo”. Ganhou esse apelido desde criança. Em meio a montes de peças antigas, ele pede desculpa pela bagunça, tinha perdido o pai no dia anterior à entrevista. Utilizando estética diferenciada, o vídeo se concentra no cotidiano do “Túnel do Tempo”, com pequenos contos sobre as peças que estão lá.

Diante das produções aqui descritas, fazemos as seguintes perguntas: o que podemos levar destas pequenas experiências audiovisuais para nossas práticas curriculares? Para nossa prática epistemológica? Para nossas escolas? Para nossos fazeres? Qual o propósito, afinal, de tudo isso?

Nesses momentos de desânimo, desalento e de falta de esperança, buscamos refúgio no conselho que - se pudesse - Didi-Huberman (2011) teria dado ao cineasta e ativista político Pasolini: não foram os vaga-lumes que desapareceram, mas sua capacidade de enxergá-los.

Assim sendo, pensamos que os praticantes desse audiovisual são vaga-lumes que brilham diante da luz cega de uma mídia que os desabita do mundo, que ofusca sua existência, que ofusca a existência das diferenças, tornando tudo invisível. Então, para enxergar os vaga-lumes sigo o conselho de Didi-Huberman: “é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que esta noite seja varrida por alguns ferozes projetores” (Didi-Hubermann, 2011:52).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. Currículo: Conhecimento e Cultura. In Salto Para o Futuro. Disponível em www.tvescola.mec.br. Caputado em 10/02/2016.

BARBERO, Jesus-Martín. Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CALCANHOTO, Adriana. Minha Música in A Fábrica do Poema. Sony Music, 1994

DELEUZE, Gilles “O frio e o quente”. In: A Ilha Deserta e outros textos (textos e entrevistas). Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Tradução de Vera Casa Nova e Maria Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOMINGUES, Leila. À Flor da Pele – Subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo. Porto Alegre: Ed. Sulina/UFRGS Editora, 2010.

_____. Capitalismo e Configurações Subjetivas, in ABDALLA, Maurício; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (orgs.) Mundo e Sujeito – Aspectos subjetivos da globalização. São Paulo: Paulus Editora, 2004.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In :O que é um autor? Lisboa: Passagens.1992. pp. 89-128

GIVIGI, Ana. Amargosa, Bahia. 2014: s/p. Mimeo).

JENKINS, Henry; Cultura da Convergência, 1a reimpressão, tradução

Suzana Alexandria - São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. A Inteligência Coletiva. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas (SP): Papirus Editora, 2005.

OLIVEIRA, Ana e VELLOSO, Mariele. Memorial Descritivo do documentário Beleza Além da Estampa, apresentado como parte das exigências para obtenção do grau Bacharel em Jornalismo na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ/MG) sob orientação da profa. Dra. Vanessa Maia Barbosa de Paiva. Curso Comunicação Social – Jornalismo 2014.

RINCÓN, Omar. Narrativas mediáticas. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

SODRE, Muniz; PAIVA, Raquel. A Cidade dos Artistas, ed.1a, Editora MAUAD - Rio de Janeiro 2004.

TEIXEIRA, Yan. Memorial Descritivo do documentário (Trans)fobias, apresentado como parte das exigências para obtenção do grau Bacharel em Jornalismo na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ/MG) sob orientação da profa. Dra. Vanessa Maia Barbosa de Paiva. Curso Comunicação Social – Jornalismo 2014.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre involuntarismo na política). In: ALLIEZ, Eric (org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. Tradução Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 348.

Links para acessar documentários por ordem de citação no texto:

Documentário Beleza além da estampa, de Ana Luiza Oliveira e Mariele Velloso.

<https://drive.google.com/file/d/0B1DTwdLhFqebRUtxRHI3eEtSVXM/edit?usp=sharing>

Documentário (Trans)fobias de Yan Teixeira.

https://www.youtube.com/watch?v=VoLSV2_0Gwg

Série documental “Poética dos Encontros”:

<http://www.semeiranembeira.com.br/Poetica/personagens.php>